

JUAREZ NOGUEIRA LINS

RECIFE, CONTEMPORANEIDADE E LIQUIDEZ

A cidade além da Veneza



 Pedro & João
editores

**RECIFE, CONTEMPORANEIDADE
E LIQUIDEZ –
a cidade além da Veneza**



Pedro & João
editores

JUAREZ NOGUEIRA LINS

**RECIFE, CONTEMPORANEIDADE
E LIQUIDEZ –
a cidade além da Veneza**



Pedro & João
editores

Copyright © Juarez Nogueira Lins

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Juarez Nogueira Lins

**Recife, contemporaneidade e liquidez - a cidade além da
Veneza.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 17p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0435-2 [Digital]

1. Recife - Brasil. 2. Contemporaneidade. 3. Liquidez. I. Título.

CDD - 800

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2023

Apresentação

Recife, rios e mar te coroam. Teus súditos te saúdam, Noiva da Revolução, Cidade Sereia, Cidade Maurícia (Mauricéia), Nova Amsterdã, Veneza Americana. E a Veneza, dentre tantas identidades urbanas, ficou. A paisagem líquida, comum entre as cidades de Veneza e Recife, o ideário romântico de Gonçalves Dias, os ares poéticos, os sobrados a beira d'água e as inúmeras pontes, constituíram a Veneza Americana, depois, a Veneza Brasileira. Poeticamente temos a Veneza. Concretamente, teríamos Nova Amsterdã, ou Amsterdã Brasileira, mas sem o mesmo peso cultural e poético da *Sereníssima República* italiana.

Unanimidade entre os habitantes da cidade, a Veneza Brasileira é intensamente afirmada pelos poetas e pela mídia. E hoje, em tempos líquidos, a Veneza Brasileira resiste à passagem do tempo – à deterioração da sua arquitetura, à depredação de seus símbolos culturais, à poluição constate de seus rios, Capibaribe e Beberibe, às ameaças que vem dos mares, o aumento da marginalização, que traz insegurança, para os amantes da cidade... Todos estes aspectos esmaecem o brilho da Veneza brasileira e compõem a outra face da cidade do Recife, a urbe além da identidade veneziana.

A identidade Veneza Brasileira convive hoje, com outras identidades: Cidade de Poetas, Capital do Frevo, Cidade do Galo da Madrugada, Cidade Turística, Cidade dos “Tubarões”, Cidade do trânsito caótico, Cidade das inundações, Cidade insegura. E nesse sentido, os dez poemas, ora apresentados, desvendam outras faces –

faces heterotópicas¹ – da cidade do Recife. Não a Veneza Brasileira, não a cidade dos poetas sentimentais e da mídia turística, mas o Recife dos homens que aqui nascem, vivem, amam e sofrem. E nela moram, sofrem os infortúnios que afligem as metrópoles pós-moderna. Felizes, conformados, inconformados, céticos, sonhadores, rebeldes, críticos, mas acima de tudo, apaixonados pela cidade “metade roubada ao mar, metade à imaginação”.

O autor

¹ Espaços diferentes, aqueles que dessacralizam os espaços, classicamente situados e historicamente, pouco contestado.

Poema nº01 – Recife, cidade líquida

Na liquidez contemporânea
a cidade água, Rio-Mar, riqueza e lixo
homens, frágeis engrenagens, homens mercadorias
novos poderes escorrem nos interstícios do desejo.
Leve força-persuasiva,
sedutora imagi (nação)
que age sorrateiramente,
sobre frágeis cidadãos –
ávidos consumidores de descartáveis produtos.
O produto-cidade e suas heterotopias
(obscenas faces urbanas),
Deterioradas imagens – banidas da real paisagem,
faces escondidas (da cidade):
Que se ousou Veneza:
gôndolas em mar de caranguejos.

Poema nº02 – Recife, identidade humana

Espacialidades, espaço (s):

físico, ficcional, social...

Que sentidos das humanas trajetórias (tecnológicas)
das metrópoles, decadentes cidades

(a) floram nos jardins pós-modernos?

– Consumidores do espaço:

corpos entranhados de lugares, paisagens
memórias humanas, histórias decifradas.

Cidade, (des) humana paisagem,

espaço que habita e identifica – o homem.

E, seres urbanos que somos

carregamos nas artérias – sólidas imagens

recortes paisagísticos, utopias fragmentadas

outros espaços? Heterotopias urbanas.

– Que marca (s) trago no corpo?

Tuas identi (ci) dades, Recife.

Poema nº03 – Identidade Espacial, Recife

Da solidez da pedra
Que a (flora), verde, (a azul liquidez) oceânica
Atlântica presença
Tantas vezes (in) contidas.

Da liquidez de tuas águas:
Lágrimas oceânicas, caminhos de errantes naus
(portuguesa)
Doce mel – Capibaribe, Beberibe.
Rios-mar – Paisagem aquática.

Arrecifes, Ah! Recife
Que identidade te legou (tua aquática paisagem)
Antes do sonho de Nassau
Anfíbia Cidade ou Cidade Sereia? Depois, Mauricéia.

Findo o sonho, teus poetas – artífices das palavras
Construíram de palavras e reminiscências (europeias)
A tua identidade poética: Veneza Americana,
Mas eras somente o Recife, singular paisagem brasileira.

Poema nº04 - Recife, uma cidade em imagens

Imagens pétreas, poéticas (Veneza Americana)
imagens apenas, imagens-verdades:
cidade de rio e mar - o tempo consome o espaço,
a aquática paisagem,
velhas edificações e o perfume de Veneza.
Águas (passadas) refletem olhos venezianos:
escuro-lama.
E exalam o fétido odor: esgoto-detrimento - Reci(fede).
Paisagem deteriorada, contemporânea imagem
dupla imagem: cidade-vivida,
cidade-turística: cidade à venda.
Olhos mecânicos, digitais des(vendam) a cidade,
em panorâmicas clicadas (belezas à distância),
ângulos perfeitos, escolhas possíveis
Veneza Brasileira - a utopia renasce
a Fênix da *Mídia*:
produto que se consome na voraz Modernidade,
líquida.

Poema nº05 – Recife, identidade e resistência

Os eternos arrecifes, paisagem primeira
que incessantemente resistem,
ao mar e aos detritos – restos contemporâneos.
E firmam identidade, ainda sólida, em tempos líquidos.

A paisagem de cimento, asfalto e manguezais,
entrecortada por rios, canais e córregos
que alagam a “Veneza” dos trópicos:
identidade europeia, transtornos e tristezas.

Veneza: americana, brasileira
terra de frevo, maracatu, ciranda,
manguebeat, Capiba, Science, Lenine, Alceu...
clássicas melodias *versus* ruídos comerciais.

Terra de poetas, que em sólidas imagens,
em paisagens estratégicas, descortinam
a paisagem do Recife: Veneza sem gôndolas,
sob a ação das ignóbeis almas-vândalas.

Esta anfíbia cidade – água e terra
entre velhos sobrados e “torres-gêmeas”
resiste ao declínio da “Veneza”
e assume sua identidade contemporânea: (RE)sistência.

Poema nº06 - Entre Veneza e Amsterdã: Recife

Recife, cidade histórica,
de heroicas reminiscências
e feições holandesas na paisagem.
Mais Amsterdã, menos Veneza:
maurícia construção,
charme veneziano,
odor tropical,
gosto de frevo
Capiba(ribe).

Carnaval veneziano, máscaras
Ponte - cimento - Nassau, boi voador
Galo - da madrugada:
felicidade,
calor e suor,
lixo...
Traz vassouras,
Vassourinhas.
O frevo ecoa, a paisagem muda,
nem Amsterdã,
nem Veneza,
O sonho acabou.
"Acorda, Recife, acorda".

Poema nº07 – Recife e o perigo das águas

Das águas nasceu a cidade (ser anfíbio)
Sal e mel – cristalinos sabores.
O mar – porta aberta, hospitalidade infinda,
portugueses e flamencos – *exploradores*.
Os rios, divisores da paisagem-casa
abrigo, transporte e alimento,
cena urbana edificada à imagem batávica.

Águas marítimas dos portos e
águas fluviais da vida cotidiana:
líquido-bebida, líquido-corpo, banho de todos.
No tempo líquido, vegetação escassa,
assoreamento, rios sem margens, violentos
Violento é o rio? Ou violentas são as margens
(que comprimem o rio).

Sem vitaminas, sorvendo o veneno,
de outras destinações:
Detritos fabris, residenciais –
conscientes produções humanas.
E entre necessidade e lucro,
o rio agoniza, água e lama, apodrecidas.
A chuva desce, o rio transborda – o caos urbano-moderno.

E o mar dos navios, dos arrecifes, da *boa viagem*
dos conquistadores do além-mar,
banho atrativo, orla – outrora cartão postal –
coqueiros sorrindo, igrejinha abençoando.
Hoje, o gosto de sal com sangue, carne-humana,
dentes vorazes, terror à espreita,
pulam das telas do Trianon, São Luís – o tubarão.

Poema nº08 – Estações da Cidade

Recife, infernal calor,
Kibon, alívio refrescante da cidade-água
Oásis em rodas, efeito momentâneo.
E sol, que o líquido evapora
Entorpece as almas penadas, neste inferno – *Hellcife*¹.

A Chuva, quando cai,
lava os pecados modernos – dos homens e mulheres,
inunda as *vias*, respiratórias da cidade.
E a mar (é) ajuda, e traz imagens venezianas
para a líquida cidade de *Raincife*.

¹ “Na brincadeira dos recifenses, a cidade possui duas estações: no verão, muito quente, “Hellcife” e no inverno de intensas chuvas, “Raincife”. <https://vejasp.abril.com.br/>.

Poema nº09 – Recife sob olhares de três poetas

Bandeira, poeta de cenas cotidianas,
De utopias poéticas,
reminiscência infantil – “Evocação do Recife”
Recife sem Veneza – Recife mesmo:
das cheias, das crianças na rua, ruas poéticas –
União, Sol, Aurora... O rio, a vida simples
“Recife sem história nem literatura” – sentimental.

Pena Filho, o flâneur recifense, desvenda:
Identidades da “cruel cidade” –
históricas, geográficas e culturais.
Cidade da invenção dos homens, estagnada pelo tempo
espaços e épocas – saudosas lembranças
e sob tons azuis, o guia Carlos, apresenta
a degradação da Veneza tropical, “vertiginosamente
azul”.

João Cabral, poeta-engenheiro,
engenharias poéticas, duras palavras sobre a cidade:
“velhos sobrados”, “rio indigente”
morte e vida, “Severina” – duro combate,
ao longo do “Cão sem plumas”, apodrecido
a degradação do rio, a degradação do homem,
a cidade degradada, Recife.

Poema nº10 – Recife sem cores

Acorda, Recife, acorda,
não deixe o tempo esvaziar tuas cores –
céu azul, verde-mar, amarelo-claridade,
“cidade lendária”, Mauricéia.
Pelas ruas que andei, essas cores esmaeceram
e tons decadentes adornam a paisagem,
contemporânea,
outrora cores vivas, da Veneza Americana.
Hoje, descolorida:
Recife-cinza.

Biografia

Juarez Nogueira Lins: Professor da Universidade Estadual da Paraíba, ex-professor da Secretaria de Educação de Pernambuco. Doutor em Letras (UFRN), Mestre em Teoria da Literatura (UFPE), Licenciado em Letras (FUNESO), Geógrafo (UEPB), pernambucano, sertaniense e recifense por opção. Em sua tese de doutorado estudou, linguisticamente, geograficamente e poeticamente, o Recife.

PREGÃO TURÍSTICO DO RECIFE

João Cabral de Melo Neto

[...]

Na cidade propriamente
velhos sobrados esguios
apertam ombros calcários
de cada lado de um rio.

Com os sobrados podeis
aprender lição madura:
um certo equilíbrio leve,
na escrita, da arquitetura.

E neste rio indigente,
sangue-lama que circula
entre cimento e esclerose
com sua marcha quase nula, [...]



ISBN 978-85-265-0435-2



9 788526 504352 >